



Pioneiros da construtora que chegaram a formar um time de futebol vencedor de campeonatos

Família rabellense festeja os 40 anos

A reunião dos pioneiros que moravam no acampamento da Rabello está marcada: muitos não se vêem há tempos

Luciana Monteiro
Especial para o Correio

Murilo se encontrará com Jerônimo, que verá Geraldo, que está com saudades de Dona Neném, a primeira professora do acampamento da Rabello. Os quatro amigos e cerca de outros 200 trabalhadores pioneiros da Construtora Rabello S.A — que há quase 40 anos não se viam — irão se reunir no próximo domingo, no Brasília Motonáutica Clube, a partir das 9h.

“Organizar o primeiro encontro da família *rabbellense* foi um prazer para mim. Era o meu sonho rever meus amigos que ajudaram a construir a cidade. Parece que agora irei realizá-lo. Será uma grande emoção ver a maioria dos pioneiros juntos novamente”, diz Murilo Simões, 60 anos, pernambucano de Triunfo, que viajou 10 dias num pau-de-arara para chegar a Brasília.

A história de Murilo não é diferente da maioria dos pioneiros. Ele chegou na cidade

em 1960, trabalhou na construção do Teatro Nacional (onde também morou por dois anos) e depois trocou as luvas e o cimento pela máquina de escrever e os arquivos do escritório da Construtora. “Estudei um pouquinho e mudei de profissão”, conta.

A idéia de reunir os ex-colegas de trabalho surgiu quando Murilo encontrou com Jerônimo e outros cidadãos num enterro no Campo da Esperança. “A gente sempre se via em velórios. Decidi então mudar o ambiente dos nossos encontros. Pensei num churrasco com todos juntos”, diz Murilo. Para relembrar os melhores momentos, o pioneiro montará uma exposição, no salão do Clube, com fotos da época da construção de Brasília.

O pôster dos craques do Rabello Futebol Clube — time de futebol criado na década de 60 pelos funcionários da empresa — promete ser um dos destaques da festa. “Quando chegamos em Brasília não tínhamos opção de lazer. Reunimos os apaixonados por bola e mon-

tamos o time. Deu tão certo que fomos bicampeões da cidade”, conta Jerônimo Peres, 60 anos. “Não podemos deixar fora da exposição a foto mais importante da história da família rabellense”, diz.

Jerônimo que chegou em Brasília em 1958 para trabalhar como armador de ferros, se transformou no titular do time da empresa. “Vim para ajudar a construir Brasília. Por dois anos dobrei ferros, mas minha paixão era o futebol”, conta Jerônimo que depois do reconhecimento como jogador só comparecia nas obras para bater o cartão de freqüência. “Registrava meu horário e depois corria para o treino”, lembra.

No encontro haverá duas homenagens especiais. A primeira para o dono da Construtora Rabello, Marco Paulo Rabello, 80 anos — que já confirmou a presença — e a outra para a professora Maria Gonçalves Casadei, dona Neném. “Será um presente simples, apenas uma lembrancinha. O importante é que estaremos juntos depois de quase quatro décadas. Teremos o dia inteiro contar piadas, voltar ao passado, chorar, rir, abraçar, brincar e quem sabe jogar uma partida de futebol. Concorda craque?”, pergunta Murilo ao amigo Jerônimo.